

ESTADO É REVOLUÇÃO*

*Pedro Geraldo Aparecido Novelli***

Introdução

Em certa altura da entrevista, nosso entrevistado, o Professor e Filósofo Pedro Geraldo Aparecido Novelli, nos solta a seguinte frase: “Bom, eu não sei se eu respondi um pouco o que você queria, aliás, eu não sei se você se lembra o que você perguntou, dizem que quando um filósofo acaba de responder ninguém mais se lembra da pergunta...”. Com efeito, a pergunta sumiu. Em algum instante da sua fala, distraídos, nós a perdemos de vista. E qual era a pergunta, afinal, que inaugurou diante de nós esse mar aberto? A propósito, Hegel disse do mar: “O mar nos fornece a representação do indeterminado, do ilimitado e do infinito; e quando o homem se sente nesse infinito, isso o estimula a transcender o limitado.”¹

O sucesso da entrevista, que temos a honra de apresentar ao nosso leitor e à nossa leitora, reside precisamente no fato de que sua *forma oceânica* corresponde dialeticamente com sua *matéria, o Estado*. Não há melhor exemplo possível de um objeto de reflexão no qual aquele que o observa esteja tão incontornavelmente enredado no seu interior: não se fala do Estado saindo dele; não se fala em Estado fora do maremoto político que representa o entrechoque de consciências que o constitui. Disse-nos o próprio Pedro Novelli, tratando de Hegel e do Estado:

Como eu falei, essa formação da consciência não é um processo de ensimesmamento, é um processo através do qual a consciência experimenta seu estranhamento, ela experimenta alienação de si mesma, ela se depara com um outro, que ela coloca como sendo uma ameaça, até reconhecer que isso se trata de um outro dela mesma, isso é um processo político, que em larga escala vai se desenvolver numa forma muitíssimo elaborada, na figura do Estado, por exemplo.²

* Entrevista elaborada e realizada por Theo Augusto Apolinário Moreira Fonseca, Lucas Antônio Nogueira Rodrigues, Bruno de Oliveira Santos e Matheus Amaral Pereira de Miranda.

** Professor de Filosofia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira (1981), Brasil. Graduação em Teologia pela Missionary Institute of London (1985), Inglaterra. Mestrado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (1991), Brasil. Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998), Brasil. Em seu doutorado defendeu a Tese "O idealismo hegeliano e o materialismo marxista; demarcações questionadas". Esteve, além disso, três vezes no Hegel-Archiv, em pós-doutorado pela Ruhr Universität Bochum (2002-03, 2006 e 2019), Alemanha. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7750-7246>. Contato: pedro.novelli@unesp.br.

¹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. Trad. Maria Rodrigues e Han Harden. Brasília: Editora UNB, 2008, p. 81.

² Página 8 desta Entrevista.

Portanto, a *matéria do Estado* não encontra outra melhor expressão numa entrevista do que a *forma indeterminada das ondas*, que na tradição filosófica Platão encontrou para representar a sua dialética do mesmo pelo mesmo³, que Hegel elevou à Filosofia da História para descrever nossa civilização romano-germânica e que nosso entrevistado, Pedro Novelli, traduziu em repostas altamente políticas. Movimentadas, inspiradas e inesperadas, surpreendentes e totalizantes. Tudo de melhor que numa entrevista pode-se proporcionar.

Passando por relatos biográficos curiosíssimos no contexto das suas estadias pós-doutorais no *Hegel-Archiv*, na Universidade de Bochum, até digressões filosóficas em temas de política, educação, religião e Estado, Pedro Novelli nos apresenta um vasto panorama do *tempo presente*, tratando das questões mais prementes ao Estado no mundo de hoje, como as relativas à tecnologia e ao panorama geopolítico atual. Todo esse esforço é empreendido sem deixar de lado a vasta tradição filosófica que vai de Platão a Hegel, passando por nomes como Santo Agostinho e Marx. Assim, Pedro Novelli nos dá o testemunho da atualidade do pensamento hegeliano, *vivo, real⁴, político e profundamente histórico* e que, até então, não vê nenhuma figura do espírito melhor e mais universal que o Estado: “O que quer que possa ir além do Estado ainda não se apresentou na história, mas desde os tempos primevos sempre representou o empenho para uma existência humana em comum”⁵.

Convidamos nossos leitores e leitoras ao mergulho revigorante que nos proporciona essa entrevista. Boa leitura!

Entrevista

Revista de Ciências do Estado: Na sua trajetória acadêmica, nos chama atenção suas três passagens pelo Hegel-Archiv, em pós-doutorado na Ruhr Universität Bochum, nos anos de 2002-03, 2006 e 2019. Gostaríamos de iniciar esta entrevista perguntando-lhe precisamente sobre esse seu itinerário que, ao que tudo indica, pode esclarecer as trilhas que seu pensamento seguiu: como é a experiência de estudar no Hegel-Archiv? O que o senhor lá pôde ter acesso e que foi determinante para seus interesses de pesquisa a partir de então?

³ SALGADO, Joaquim Carlos. *Sacra Scientia; a Metafísica; Poder e Liberdade do Pensamento*. São Paulo: D'Plácido, 2022.

⁴ HORTA, José Luiz Borges. Entre o Hegel racional e o Hegel real. In: BAVARESCO, Agemir; MORAES, Alfredo (orgs). *Paixão e Astúcia da Razão; em memória e gratidão a Paulo Meneses, Maria do Carmo Tavares de Miranda e Geraldo Edson Ferreira da Silva*. Porto Alegre: Editora Fi, 2013, p. 125-142.

⁵ Página 30 desta Entrevista.

Professor Doutor Pedro Novelli: Bem, de fato eu fui pela primeira vez à Alemanha em dezembro de 2001, eu estava brigando há muito tempo para tentar conseguir fazer esse estágio. Eu tenho alguns colegas de muita boa referência aqui no Brasil, por exemplo, Oswaldo Giacóia, trabalhou muito tempo também na Alemanha e me disse de um lugar bastante adequado para que eu pudesse desenvolver uma pesquisa sobre a filosofia hegeliana. Não foi fácil conseguir esse auxílio, porque as agências de fomento são bastante rígidas, eu até entendo, nós estamos lidando com um dinheiro, desculpa usar o termo sagrado, no sentido de que é um dinheiro público, que é colocado aos cuidados de alguém, para que, posteriormente, ele também devolva, na forma de serviços, esse recurso público que ele recebeu. Eu até me lembro de um último parecer da CAPES, dizendo para mim que o meu projeto não denotava ter excelência científica e, portanto, ele poderia ser conduzido no Brasil. Eu respondi a eles dizendo que eu achava essa manifestação muito estranha, porque a pessoa com quem eu gostaria de trabalhar na Alemanha foi trazida algumas vezes para o Brasil e também pela própria CAPES, ou seja, a CAPES reconheceu que não se tratava de uma pessoa de pouca referência e, além do mais, eu quis saber deles se aqui no Brasil se faria uma pesquisa sem excelência científica, porque é o que eles me disseram: “já que você não tem excelência científica, faça aqui no Brasil mesmo”. Eu fiquei intrigado, falei, não é possível que aqui no Brasil as pesquisas possam ser feitas de qualquer jeito, aqui também tem pesquisa de excelência, depois disso, eles acabaram me concedendo o auxílio. E eu insisti junto à agência alemã, DAAD, para conseguir um auxílio também para poder aprimorar um pouco a língua alemã. Já tinha começado a estudar aqui no Brasil: comecei por conta própria, depois eu tive aula com uma professora alemã uma vez por semana. Então, eles me deram um curso de dois meses na cidade de Bremen, depois que eles me diziam assim: “não, você é muito velho, você já passou da idade, você tem que deixar”, “mas não, eu tenho três professores que me aceitaram, um em Bremen, outro em Münster e outro em Bochum, então eu já tenho com quem trabalhar”. E eles sempre diziam, “não, você já tem idade demais, né?” Já tinha passado dos 40, insistindo, e com o alemão parece que funciona assim, né? Como você fica batendo em cima do martelo, eles falam, “bom, então você vai”.

O que eu encontrei no arquivo Hegel foi um ambiente extremamente propício. Quando eu fui, eu comecei lá em fevereiro de 2002, o arquivo Hegel provocava ciúmes na Universidade Ruhr, porque ele era internacionalmente muito mais conhecido do que a própria Universidade. Atualmente, esse quadro mudou um pouco, mas todo mundo conhecia o arquivo Hegel, que teve a sua sede inicial na cidade de Bonn, depois de um tempo de ter

ido para a cidade de Bochum e o intuito era desenvolver a pesquisa nesta região. O arquivo Hegel funcionaria como um chamariz, um atrativo para pesquisadores interessados na filosofia hegeliana.

Eu vim de uma tradição filosófica na qual eu pouco tive contato com a Hegeliana na minha graduação. Eu comecei a desenvolver o interesse por essa filosofia mais detidamente no mestrado e depois no doutorado. E eu fui muito marcado na minha graduação pelo pensamento marxista, então a minha história é um pouco estranha porque normalmente as pessoas vão avançando de Hegel para Marx no meu caso, fui de Marx para Hegel.

Bom, eu me lembro que nessa época, em 2002, o arquivo Hegel ainda era dirigido pelo professor Walter Jaeschke, que vários colegas me diziam que esse é um hegeliano de marca maior, ou seja, é alguém que era profundamente imbuído do pensamento hegeliano. Ele também estava dirigindo nessa época a edição crítica das obras de Hegel, internacionalmente conhecida como *Gesammelte Werk*, que ainda não acabou, tem alguns volumes que estão em curso. Eu estive na Alemanha por ocasião, digamos assim, do fechamento dessa edição, mas foi um fechamento simbólico porque professor Jaeschke estava se aposentando das suas atividades acadêmicas e a direção estava sendo passada para a atual professora que é a professora Birgit Sandkaulen, que me parece que ao final desse ano também deve obrigatoriamente se afastar, por limite de idade. Mas ela é muito mais afinada com o pensamento do Jacobi, o que não significa dizer que ela não permita, por exemplo, investigações sobre a filosofia hegeliana, pelo contrário.

Nesse período em que eu fui para o arquivo Hegel em 2002, eu encontrei um ambiente muito propício, por quê? Porque a grande parte dos editores da obra crítica de Hegel estava trabalhando lá, estavam nas suas salas, e lembra um pouco, se a comparação serve, daquela cena d'O Nome da Rosa, os monges, cada um na sua escrivaninha, na sua mesa, trabalhando sobre um texto, e eles estavam assim trabalhando nas suas salas. Eu me lembro que eles estavam ainda lendo os microfilmes dos textos originais de Hegel, que às vezes parece – para mim parecia – uma galinha andando na areia, porque eram transcrições manuscritas, obviamente, de Hegel, e eles conseguiram os microfilmes do texto, estavam trabalhando na leitura e na edição do texto. Então, eu pude acompanhar de perto um pouco dessa feitura da edição crítica, e cada um dos editores mergulhava profunda e intensamente naquilo que eles estavam fazendo.

Eu também tinha um benefício na época, já que todos estavam lá, eu acredito que era em torno de aproximadamente 10 pesquisadores, assim por volta do meio-dia, uma hora

da tarde, todos iam para a cozinha tomar café, e ali faziam discussões filosóficas muito interessantes, ou seja, a forma de relaxar para eles era discutir filosoficamente e eu me beneficiei muito disso. E mesmo porque também tinha semanalmente aquilo que o professor Jaeschke organizava, que era o *Kolloquium Hegel*, onde ele reunia todos os pesquisadores que tinham vindo para Bochum para estudar o pensamento hegeliano, eram em torno às vezes 20, 25, 30 pessoas que ficavam aí debatendo uma primeira apresentação de um texto que estava sendo pré-editado. A gente tinha acesso a um texto que ainda não tinha sido publicado, mas a gente estava discutindo sobre esse texto.

Também me beneficiei de uma iniciativa que um professor de lá chamado Christoph Bauer, que não está mais no arquivo Hegel – em um dado momento ele disse para mim que havia se cansado da filosofia e foi trabalhar com música, mas tudo bem – ele criou no arquivo Hegel também semanalmente em seguida ao colóquio Hegel o chamado *Kolloquium Marx*, aí o número caía para meia dúzia, dez pessoas, eu achava interessante porque vinha gente da comunidade também participar da leitura d'*O Capital*, então eu pude me beneficiar desse tipo de atividade também, obviamente além das inúmeras aulas, tanto de graduação, mestrado e doutorado. Eu me concentrava sobre aulas que eram ministradas sobre a filosofia hegeliana, ou algo que passava em alguma relação, estava eu lá xeretando. Isso me propiciou também o desenvolvimento e a criação de laços com diferentes professores, que eu consigo manter, além do que, o Arquivo Hegel tinha e tem uma biblioteca extremamente especializada, praticamente tudo que é produzido sobre Hegel no mundo é alocado naquela biblioteca, os pesquisadores mandam para lá. Nem tudo assim é de extrema qualidade, porque pasmem, por exemplo, eles têm até dois livros meus lá, ou seja, o que você quiser ler sobre a filosofia hegeliana em inúmeras línguas, algumas inacessíveis, como chinês e árabe, aparecem lá nessa biblioteca. Além do que eles têm um tipo de biblioteca, digamos assim, quase que no subterrâneo, onde eles guardam algumas obras de Hegel, primeira edição, e é tão bem protegido, porque o arquivo Hegel vai ser destruído, mas aquele bunker ali vai ficar e a obra do Hegel também. Bom, eu tinha acesso a esse material, contato com essas pessoas e uma das coisas que eu fui percebendo é que eles tinham uma compreensão do pensamento hegeliano extremamente viva, extremamente atual, pertinente e provocativa. Algo que eu, digamos assim, não tinha presenciado ainda aqui no Brasil:

Como eu disse, na minha graduação, Hegel passou reto, eu estudei na época da ditadura militar, então não era à toa que o pensamento marxista tivesse muito mais espaço, e nessa época ainda, até na América Latina, o pensamento hegeliano era comparado a um

pensamento imperialista. Tive a oportunidade, antes de ir para a Alemanha, nessa primeira vez, de encontrar com o professor Jaeschke em São Paulo, e fazer um pouco de um cicerone que o acompanhava pela cidade. Fiz uma entrevista com ele e uma das perguntas que eu fiz é que se ele considerava Hegel um filósofo imperialista, ele fala: eurocêntrico certamente ele é, porque ele é fruto da Europa, não há a menor sombra de dúvida sobre isso, mas imperialista não, porque ele é um dos primeiros professores que introduz a disciplina de história na universidade, ele se concentra no que está acontecendo no mundo todo, então isso significa alguém preocupado com aquilo que está acontecendo na história humana, ou seja, exatamente também num período que antecede o que ele vai dizer que é o mundo germânico (não confundir com a Alemanha), na verdade conhecido muito mais com a totalidade da Europa. Ele não pode ser imperialista, senão ele teria simplesmente descartado a consideração dos outros povos e daquilo que eles fizeram.

Bom, então eu tive essas oportunidades, esses benefícios e o que foi marcante para mim, como eu disse, é que eu encontrei no Arquivo Hegel pesquisadores que eram os editores de Hegel insistindo muito numa visão extremamente atual, pertinente e provocativa do pensamento filosófico de Hegel, eu pude beber desse tipo de experiência e ficou para mim a possibilidade de manter esses contatos. E, o que eu procuro fazer regularmente, a não ser que haja algum empecilho, é pelo menos a cada dois anos voltar para lá para trabalhar um determinado tema. É bem possível que se consiga acessar toda a biblioteca do Arquivo Hegel, que muita coisa está digitalizada, ou que está na universidade. Então, você poderia perguntar, o que você vai fazer lá? É que lá estão algumas pessoas com quem você tem a oportunidade de dialogar. Obviamente, muitos pesquisadores que estavam lá antes já não estão mais, o Arquivo Hegel se esvaziou muito nesse sentido, mudou muito do tempo em que eu estava lá, de 2002 a 2004, mas ainda estão lá algumas pessoas com quem você pode entabular conversas muito interessantes, quinzenalmente, um colóquio também, no entanto aí não se aborda somente o pensamento hegeliano, mas também o idealismo alemão como um todo.

Revista de Ciências do Estado: Professor, vemos, nos percursos do seu pensamento, uma preocupação que parece latente desde sua tese Idealismo hegeliano e materialismo marxiano e que, pelo menos no Brasil, é pouco discutida: a passagem da *bürgliche Gesellschaft* (sociedade civil) e seus problemas de desigualdade ao Estado Ético. Apesar de ter virado moda, ao que nos parece, discutir essas questões na chave marxista,

sabemos bem que Hegel, antes de Marx, estudou os economistas políticos e consagrou o termo que até hoje não saiu do léxico político: a *bürgliche Gesellschaft*. Podemos ainda, com certa tranquilidade, dizer que Hegel, ao contrário de Marx, era muito mais otimista em relação a uma Filosofia do Estado ou, nas suas palavras, “A filosofia do direito, em Hegel, é a filosofia do político, isto é, o direito é resultado da atividade política, da vida na cidade”⁶. No que consiste essa distinção que faz Hegel mais político que Marx? E por que o resgate deste debate na chave da Filosofia do Estado de Hegel pode nos ajudar a pensar hoje essa passagem da sociedade ao Estado?

Professor Doutor Pedro Novelli: Bem, eu não sei se de fato eu diria que Hegel é mais político do que Marx. Uma compreensão que eu tive na minha tese de doutoramento é que o político está presente nos dois, obviamente com nuances diferentes, mas eu não diria que um é mais do que o outro.

O que direciona os meus interesses atuais de pesquisa sobre a filosofia hegeliana é a questão da pobreza, que eu tenho procurado estudar nos últimos 10 anos, e me lembro que, em certa ocasião, eu solicitei um financiamento para uma agência, e o parecerista me respondeu “mas Marx já fez isso”, eu aí novamente fiquei intrigado, porque eu fui perguntando para mim mesmo, “será que eu me enganei?” Eu acho que o Hegel veio antes do Marx, mas tudo bem, ficou por isso.

Eu já apresentei alguns trabalhos e as pessoas me disseram, como você mencionou, “agora você não está lendo Hegel através de uma chave marxista?” Eu falava, “não, eu acho que eu estou lendo Marx através de uma chave hegeliana”, porque há interesses em Hegel que não são exclusivos do Marx e que estavam muito presentes já no pensamento hegeliano. Então, por exemplo, eu tenho uma compreensão de que pelo menos três quartos de toda a obra hegeliana é sobre a questão política. E isso está presente, se eu puder ilustrar, por exemplo quando leio a *Fenomenologia do Espírito*, não é impossível, ou seja, não se pode deixar de ver que ali há um processo de formação da consciência. O que é interessante é um processo de formação da consciência que se dá através de relações que ela vai estabelecendo e que, para Hegel, são relações históricas, não são relações dentro dela mesma, de um sujeito ensimesmado. É claro que a consciência vai descobrindo que as relações que ela tem são sempre relações entre consciências. Aliás, falar de consciência em Hegel significa falar de

⁶ NOVELLI, Pedro Geraldo Aparecido. *O idealismo hegeliano e o materialismo marxiano: aproximações e distanciamentos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

ser humano, e falar de ser humano significa falar concomitantemente de consciência, então não há uma dissociação aí.

A *Fenomenologia do Espírito* vai mostrando relações entre as consciências e o que é muito interessante é que na medida que a gente passa de uma figura para outra, a gente percebe que o que caracteriza essa relação entre as diferentes figuras é uma relação de dominação e de dominado, o tempo todo. Ou seja, a primeira figura, que é a da certeza sensível, que com toda a sua força, com toda a sua a premência imprime sobre a consciência a convicção de que a experiência empírica é absolutamente determinante, ela domina literalmente a compreensão que a consciência tem de si e de tudo mais, é confrontada com uma outra forma da consciência, ou aí aparece uma outra figura que é a percepção, através da qual Hegel vai mostrar que a percepção realiza a função de fazer com que aquilo que está sendo sentido seja percebido como uma sensação, o que revela a primeira figura da consciência para si mesma, mas através de um confronto. Ou seja, é uma relação de forças que se estabelece aí. Aquela figura do senhor e do servo que aparece muito mais tarde: eu consigo ver relações entre as diferentes figuras na *Fenomenologia do Espírito*, de uma posição que quer se manter no domínio e da outra que se encontra dominada e que reage em relação a essa dominação. A *Fenomenologia do Espírito*, para mim, portanto, é um processo através do qual se percebe que a consciência se forma. Isso, portanto, está carregado, está marcado por relações que são políticas, estou pensando em relações intersubjetivas. Como eu falei, essa formação da consciência não é um processo de ensimesmamento, é um processo através do qual a consciência experimenta seu estranhamento, ela experimenta alienação de si mesma, ela se depara com um outro, que ela coloca como sendo uma ameaça, até reconhecer que isso se trata de um outro dela mesma, isso é um processo político, que em larga escala vai se desenvolver numa forma muitíssimo elaborada, na figura do Estado, por exemplo.

E se passo, então, a consideração, por exemplo, da *Ciência da Lógica*, o que eu tenho ali? Eu tenho ali a lógica da formação da consciência. Ou seja, a lógica, a *Ciência da Lógica* explicita qual é a lógica, qual é a ordem que subjaz a essa relação de formação da própria consciência. E se eu for até a *Filosofia do Direito*, isso fica muito mais evidente ainda.

Mas eu poderia retroceder, por exemplo, aos primeiros escritos de Hegel. Por exemplo, estou trabalhando no momento numa tradução sobre aquela que seria a primeira filosofia do espírito de Hegel, e já se considera ali, nesse momento, a questão do trabalho, a

questão da importância da ferramenta na formação do ser humano, na formação das relações que vão se estabelecendo entre eles, do papel da linguagem, e fica muito evidente nesses primeiros textos - que o próprio Hegel não chegou a publicar, que foram editados posteriormente pelos seus alunos e a edição crítica organiza - fica muito evidente que existe um interesse fortemente político por parte de Hegel, então é alguém que não se furta a esse tipo de interesse, e é interessante que isso vai aparecer em algumas resenhas que Hegel escreveu quando ele estava no ginásio de Stuttgart: esses textos eles compõem os primeiros dois volumes da edição crítica e são textos que são de certa forma caracterizados como um tipo de miscelânea, vários interesses ali presentes. Tem até um texto onde se resenha, por exemplo, um triunvirato na Roma Antiga.

Qualquer semelhança com relação política não é mera coincidência, tem ali o interesse de um menino. Mas pega um texto ainda mais, vamos dizer assim, da sua juventude primeira, como eu falava, em Stuttgart, quando ele faz uma resenha sobre um livro publicado por um alemão, que era da região de Gern, na Alemanha, se não me engano, e que se dizia discípulo de Kant, que estava se esforçando para traduzir naquela região da Alemanha o pensamento kantiano. Kant reage a isso dizendo, olha, isso aí é tudo, menos eu. E o título do livro é: *O Novo Emílio*. Falar de novo Emílio já significa dizer que estou me contrapondo ao *Emílio* de Rousseau, porque esse é o novo Emílio, e como se isso não bastasse, o autor vai colocar um subtítulo: Segundo uma educação, segundo princípios cientificamente comprovados. Ou seja, o Rousseau estava delirando quando ele fez aquilo, aquilo lá era uma fantasia, o *Emílio* de Rousseau é uma fantasia. E quando você começa a ler o texto, você vê algo curioso, que é o seguinte: todos nós nascemos rousseauianos, quase como a figura do bom selvagem. Eu não sei como é que é aí em Minas Gerais, mas por aqui dizemos que indivíduo nasce corinthiano, ele vai se alfabetizando, quando ele fica completamente alfabetizado, ele vira São Paulino, tem vários estágios, ele passa pelo Santos, pelo Palmeiras, e por fim, ele chega no São Paulo. Esse autor diz o seguinte: nascemos como o Rousseau imaginava, ou seja, marcados pela sensação - o Rousseau é claro nisso, “eu senti antes de pensar” -, o sentimento é extremamente determinante, então eu preciso levar isso em consideração, e esse autor diz, “veja, nós nascemos rousseauianos marcados pela sensação, e vamos avançando na medida em que nós vamos nos tornando kantianos”, ou seja, vamos nos deixando determinar pela razão, que é a maturidade do ser humano, conforme pensava o Kant, por exemplo. É interessante que no final do texto Hegel insinua: “muito bem, excelente, mas nem só um, nem só o outro, os dois”.

É inegável que Hegel era distintivo na sua época, ele se equiparava aos seus pares e foi adiante: após sua morte, em aproximadamente 30 anos, a Alemanha continuou sendo afetada pelo seu próprio pensamento. Parece que só não atingiu na época o Instituto de Química, que como a gente sabe normalmente não tem “boas reações”. E aí o Imperador chama o Schelling para desbancar esse pensamento hegemônico que ele achava que era perigoso, mas o Schelling não aguentou, se não me engano, seis meses, não deu certo. Hegel não era qualquer um. Vejo que o interesse político aparece, por exemplo, no seu diário que ele escreve em Stuttgart, um diário que ele escreve em alemão e em latim, onde há manifestações sobre compreensões políticas. É interessante que vários temas que Hegel trata na sua tenra juventude são temas que ele traz para a maturidade. Então, o texto, por exemplo, sobre a reunião que acontece em Augsburg, que era a comemoração de um aniversário da Reforma, isso impressiona na sua época da juventude. Não é curioso que na idade madura, quase que no final da vida dele, ele está lidando com esse tema outra vez? Ou seja, ele nunca se esqueceu desse tipo de interesse.

Há um texto, para mim, muito bonito, do Jacques D'Hondt, que tem o enorme título de: *Hegel*. Ele começa contando a história de Hegel quase como um Machado de Assis que teve memórias póstumas de Brás Cubas. Ele começa pela morte do Hegel e mostra como Hegel morreu. Dizem que ele morreu devido a uma epidemia de cólera, mas um colega do Recife, Alfredo Moraes, contou para mim que parece que não é bem verdade. Hegel estava trabalhando, estava tendo de fato uma epidemia de cólera em Berlim, a cidade estava interditada e ele estava trabalhando na universidade até tarde da noite e é sabido que Hegel bebia consideravelmente. E ele foi ao centro da cidade tomar uma cerveja. Contraiu cólera, dois dias depois morreu. É interessante que há um busto no Arquivo Hegel, que você olha assim para a figura, como um médico uma vez olhando disse: “ele tinha sinais de cirrose, o que pode ter levado à morte dele”. Bom, mas aí começa uma confusão, o D'Hondt vai contando que as autoridades, dizendo que ele morreu de cólera, planejaram enterrá-lo a toque de caixa, com o pretexto de que estariam combatendo a disseminação da cólera e sua mulher reage, dizendo “mas o nosso médico disse que ele não morreu de cólera, tem outras causas, tem uma confusão”. Dia amanhece e aí acabam concordando: vão enterrá-lo, mas sem ninguém seguindo. Então quem acompanha o enterro? A sua mulher, certamente para ter certeza de que ele tinha morrido mesmo, mas acompanham, os filhos e uma multidão de alunos que não podiam não cantar, e nesse momento vão afrontando as interdições do governo e, pasmem, um agente de polícia que no dia seguinte foi demitido.

Hegel era, no final da vida dele, uma pessoa não grata para o governo prussiano, porque os seus alunos eram alunos que vinham de toda a Europa, não só da Alemanha, e segundo os registros da época, ele não tinha menos do que 70 alunos, o que é, ainda hoje, um número estrondoso. Não sei como é que um professor hoje teria 70 alunos na sua sala, a não ser que juntasse turmas do primeiro ano, que não sabe o que está acontecendo, se amontoou ali, mas à medida que vão descobrindo do que se trata, vão evadindo. Mas para dizer: Hegel chamava atenção e os seus alunos não eram só acadêmicos. Eram pessoas da sociedade, teólogos, médicos, juristas, sacerdotes, pessoas do comércio, pessoas no geral que frequentavam as suas aulas. Existia então, uma preocupação bastante grande com aquilo que está acontecendo com o ser humano e acontece fundamentalmente numa relação política entre eles, era esse tipo de pessoa e essa questão vai marcando toda a sua obra.

Não vejo que o próprio Marx não teria seguido o mesmo percurso. Há, inclusive, algumas coincidências biográficas entre eles, desde a tese de doutorado que eles estão desenvolvendo - tem temas que se aproximam -, ambos se tornam editores de jornais. Quando Hegel é editor em Bamberg, o Imperador fala para ele parar de escrever essas coisas sobre o que está acontecendo na Inglaterra, pois nós vamos ter aqui um conflito diplomático, e Hegel, sobre o texto da *Reform Bill*, não publica a última parte, que seria uma cacetada. Interessante que ele já está dizendo também: “sabe como é que a Inglaterra resolve os seus problemas sociais? Privatizando tudo”. Olha que coincidência, hoje em dia também, mesma coisa, “como é que vamos resolver a crise social?” “Vamos entregar ao mundo privado”. Bom, ele não está antecipando nada, mas ele está reconhecendo o que está já em curso e talvez vá se coadunar com aquilo que o Marx vai escrever no *18 Brumário*, “a história da humanidade acontece sempre duas vezes, a primeira vez é uma tragédia e a segunda vez é uma farsa”, parece que é sempre a mesma coisa está em curso, sempre de uma forma mais elaborada, mais requintada.

Então, nesse sentido, eu diria que um é tão político quanto o outro, mas eu, como estou lendo mais atentamente as obras de Hegel, penso nisso. Alguns dias atrás, um aluno me perguntou: por que você não estuda a filosofia da religião de Hegel? Respondi, “bom, estou muito concentrado em *Filosofia do Direito*”, mas é interessante que na *Filosofia do Direito* também ele vai exigir de você uma atenção sobre a religião. E esse aluno me dizia assim, “bom, então você separa as coisas”. Eu falei, “não”, em Hegel não tem essa separação clara, por quê? Porque quando você começa a considerar a política, você não pode desconsiderar a questão religiosa, como, aliás, ele pensava na sua juventude. Como então

vai acontecer uma revolução na Alemanha? Como aconteceu na França? Não. Ele lê as condições da Alemanha e diz, aqui vai acontecer através da religião, que inclusive ele percebeu isso quando ele estava no seminário de Tubingen, e ele sabia, é um seminário que era financiado pela nobreza, ou por nobres, que tinham dois intutos: um seria divulgar as ideias do protestantismo e outro divulgar uma perspectiva política. Então ele sabe, a religião não está apartada disso. Em contrapartida, a política também não se isola da questão religiosa, ou seja, ela não é menos religiosa que a própria religião e nem a religião é menos política do que a própria política. Isso pode não aparecer no primeiro momento, mas vai falar para mim que um cardeal que é escolhido agora para ser Papa, foi por obra do Espírito Santo? Coitado do Espírito Santo, o que querem fazer com ele? Justificar interesses que são políticos, e quando se fala nisso, não estamos falando de alguma coisa desprezível, pelo contrário, nós estamos falando das relações entre seres humanos, que aliás existem sempre. E como elas existem sempre, elas servem de parâmetro para você perceber aquilo que está acontecendo. Ou seja, é sempre resultado da atividade humana, que é uma atividade sempre interessada, obrigatoriamente. Levar isso em consideração, segundo Hegel, é capturar o espírito de uma época e, depois, capturar o espírito do mundo, digamos assim.

Bom, eu não sei se eu respondi um pouco o que você queria, aliás, eu não sei se você se lembra o que você perguntou, dizem que quando um filósofo acaba de responder ninguém mais se lembra da pergunta, mas é por aí que eu iria.

Revista de Ciências do Estado: Tucídides, certa feita, disse algo — recontando um discurso de Níctias — que até hoje reverbera entre nós, quiçá ainda mais enriquecido de mediações: “os homens são as cidades, e não as muralhas ou as naus vazias de homens”⁷. Há um texto seu que essa ideia é mobilizada de modo muito interessante com a educação⁸, que, segundo Hegel, seria a mediação privilegiada para conduzir o pensamento à vida do Estado ou ao reconhecimento do próprio pensamento enquanto livre na história. Há, no entanto, um veio nesta sua articulação educação-pensamento-Estado que parece estar latente e sobre o qual gostaríamos de escutá-lo: a política, onde está? Há educação ao universal sem política ou política que não seja educativa? Como o senhor avalia, nesse sentido, não apenas as instituições educacionais, mas as instituições políticas do Brasil de hoje?

⁷ TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Raul M. Rosado e M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 667.

⁸ NOVELLI, Pedro Geraldo Aparecido. A universalidade da educação em Hegel. *Revista Dialectus*, v. 1, n. 1, p. 179– 191, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/21939>. Acesso em: 28 jun. 2025.

Professor Doutor Pedro Novelli: Quando eu estava no Arquivo Hegel, um colega que também se interessava pelo pensamento marxista, Christoph Bauer, insistia comigo que Hegel era um pensador estatista, ou seja, ele é um defensor inveterado do Estado, que, sob o ponto de vista conceitual, nós não conseguimos pensar e elaborar até o momento algo que seja melhor, talvez porque se trata, segundo Hegel, da forma de organização comunitária ou social mais universal que nós temos. Conceitualmente falando, o Estado se caracteriza, para mim, em contraposição à sociedade civil burguesa – a sociedade civil burguesa, também é traduzida por sociedade civil, eu gosto da tradução sociedade civil-burguesa. Às vezes preciso esclarecer que não é o burguês como Marx vai desenvolver posteriormente, mas o próprio Hegel reconhece que já tem ali alguma coisa. Nas suas Lições, por exemplo, que não são sempre muito divulgadas, ele já se manifesta a respeito da ação capitalista. Essa compreensão da sociedade civil burguesa para Hegel, eu traduzo da seguinte forma: ali tem algo em comum, e o que é o comum ali? O comum ali é o interesse. O que é que você tem que me interessa? O que eu tenho que lhe interessa? No Estado ocorre uma inversão.

O interesse é o comum. Há uma mudança aqui: o comum, o que é de todos, é o interesse que conduz o Estado, enquanto na sociedade civil burguesa, o que é o comum é o interesse particular. Essa é uma distinção muito clara.

É uma distinção clara também que Hegel faz em relação ao pensamento kantiano. Kant entendia a figura do Estado pela função de proteger a sociedade, e Hegel vai inverter isso, dizendo que a sociedade existe em função do Estado, o Estado é muito maior do que ela, ele tem um caráter muito mais universal. É claro que ele não vai esmagar a figura do indivíduo, que é o esforço que Hegel faz explicitamente desde a sua *Fenomenologia* em tentar conciliar essa novidade que está surgindo do indivíduo, ou seja, da liberdade individual com a liberdade do coletivo. São duas esferas que, num primeiro momento, parecem colidir. Como trazer uma unidade? Num dado momento, quando Hegel considera o Estado, ele fala que ele tem que olhar para o indivíduo e protegê-lo de si mesmo. Ou seja, o Estado é o que fica fritando o peixe, mas ao mesmo tempo fica de olho no gato, não é porque o indivíduo que arvora para si todo o direito de liberdade, que para Hegel é um passo importantíssimo na compreensão da liberdade, mas também é perigoso no sentido de que o indivíduo pode querer resumir tudo a si, então é tudo para ele, isso vai desembocar em perspectivas do salve-se quem puder: “quem pode mais, chora menos; vamos empreender” e assim vai nessa direção. Hegel vai dizer não, o indivíduo tem que ser protegido, mas

inclusive também dele mesmo. E ele só pode se tornar o que ele é, então na uma coletividade.

É como diz, por exemplo, o Allan Wood, naquele texto de Cambridge Companion, onde ele fala da relação orgânica entre indivíduo e sociedade, ou seja, não tem o que é o primeiro, eles existem concomitantemente, você não consegue ter a compreensão e o desenvolvimento do indivíduo que é aquele que é o indivisível - portanto ele também se particulariza ou se singulariza -, se você não leva em consideração uma coletividade em relação a qual ele se contraporia. Mas se ele se contrapor de uma forma que ele não consiga se reconciliar com ela, ele acaba sendo ele mesmo também levado à extinção. E aí é interessante porque Hegel, por exemplo, dá a definição de morte da seguinte forma, o que é morrer? Não ter relações. O indivíduo que não tem relações não é ninguém, ou seja, nós somos resultado de inúmeras relações, o tempo todo. Isso começa pelas relações biológicas e outras relações que vão se estendendo ao longo da nossa vida, nós não podemos abrir mão dessas relações sobre o preço de deixarmos de ser quem nós somos.

Vocês perguntam sobre a questão da educação, e veja que interessante, essa passagem que vocês mencionam aí, da importância da educação para o Estado, eu não sei se recordam em que momento o Hegel está dizendo isso: o discurso de formatura no ginásio de Stuttgart. O discurso é comprovado por jornais da época que a edição crítica tem acesso e lá aparece o nome do Hegel como alguém que teria feito um dos discursos, e Hegel trabalha exatamente sobre isso, o elogio do investimento, ainda que seja privado, da educação e como é que isso fomenta a vida do Estado. Ele ainda é um garotinho quando está escrevendo isso. O discurso aparece nos primeiros volumes da edição crítica. Ele tem muito claro, por exemplo, como é que acontece na época dele a organização de uma sociedade turca, predominantemente marcada pelo islamismo, e aí esta questão do ensino extremamente dogmático, porque este considera as questões da religião inquestionáveis.

Aliás, o termo educar se sabe que significa levar de um lugar para outro, não permanecer no mesmo, e sim alterar a posição na qual você se encontra. É uma tarefa que era feita por um antigo escravo grego, o *paidagogós* (παιδαγωγός), que para nós é o pedagogo. Escola, como você deve saber também, sendo aluno, e eu professor, vem do grego *skholé* (σχολή), que significa pasme, lugar do ócio. Ali na escola encontramos nós, os ociosos, aqueles que não fazem nada, isso para exagerar. É por isso que de vez em quando perguntam para você, escuta, você trabalha ou só estuda? Como vão perguntar para mim, o senhor trabalha ou só dá aula? Parece que quem estuda não faz alguma coisa, porque tem aquela ideia de que pensar não é fazer. Então, esse momento do estar desocupado, que é o

lugar do ócio, é o lugar, você sabe também, que é onde tem a possibilidade de exercer o cío, que é o momento da vida. Dentro do ócio está o cío, que é o momento através do qual a vida se reproduz, não somente biologicamente, mas socialmente, politicamente, coletivamente.

Ir para a escola, saindo da sua casa, você é levado de um ambiente que é particular para um ambiente que é mais universal. É uma experiência assustadora num dado momento, por quê? Como diz Hegel, a família se mantém unida por laços que são laços afetivos. Eu gosto de você, você gosta de mim, eu mando você para aquele lugar também, mas a gente sempre volta e fica junto, etc e tal, é assim: o laço afetivo é o que faz com que a gente fique juntos e não porque você tem algum interesse que me agrada. O outro não tem quem me dar alguma coisa em troca, eu gosto dele simplesmente por isso, pelo afeto que eu sinto por ele, às vezes ele é desagradável para mim, mas a gente sempre abusa de quem a gente tenha a certeza do afeto, já dizia o Maquiavel, do estranho você não faz isso. É por isso que eu entendo que o Matheus espertamente não vai os agredir ou falar qualquer coisa a respeito dos outros times lá, porque... se bem que ele pode até fazer, porque existe uma certa relação afetiva entre vocês. Aqueles que são muito íntimos uns dos outros, se agridem, porque sempre tem a certeza do afeto, mas se for estranho não faça isso, porque você vai ter a certeza de uma porrada na sua cara, então aí vai ser desconfortável. Mas veja, no âmbito da sociedade civil burguesa, o afeto só entra em cena quando você me dá em troca alguma coisa, como eu estava dizendo: quando uma empresa diz que o cliente sempre tem razão, tem razão porque ele é um cliente, ele dá alguma coisa, pelo menos o dinheiro dele, é isso que me interessa nele. Então, essa passagem da família, que é algo marcado pela particularidade, o afeto predomina, e você vai para um ambiente que é público, que é de outras famílias ali presentes. Ali você não tem laços afetivos, que poderão ser criados, mas eles não estão previamente estabelecidos. Se você se lembra quando foi a primeira vez para a escola, você fica meio acanhado, fica se protegendo, agarrado à sua mochila, até que você vai desenvolvendo um campo de conforto. Mas veja, como vai expandindo a sua ideia de afeto: "eu não sabia que podia gostar de pessoas que eu nunca vi na minha vida", claro, eu estou refletindo agora, mas é o que a criança vai aprendendo aos poucos com essa relação. Então, veja que isso aqui para Hegel é um momento extremamente político. Aliás, é por isso que na *Filosofia do Direito*, quando ele caracteriza o comportamento ético, ele vai dizer quando é que alguém é ético, por exemplo, quando manda o seu filho para a escola, quando lhe dá acesso à educação. É claro que é sempre algo desafiador, os pais também ficam preocupados, "será que ele vai ficar bem lá, porque ele só pode ficar bem aqui conosco". A universidade também provoca,

como a educação provoca nas pessoas, uma compreensão diferente, então eles começam a ver o mundo e começam a ver a si mesmo e tudo que acontece com eles com outros olhos, e para Hegel esse momento da educação é o momento pelo qual o indivíduo vai sendo integrado à vida do Estado. Há uma vida mais universal.

Como eu estava dizendo, isso obviamente tem desafios. Não é um processo tranquilo, e para Hegel é extremamente importante. Nos escritos que Hegel tem sobre educação, principalmente quando ele está em Nuremberg, que ele é diretor do ginásio - e Hegel era um sacana, porque se faltava um professor, ele dava aula no lugar do professor, os alunos não tinham folga, o cara manjava quase de tudo, a expressão de que ele manjava de tudo: olha a *Ciência da Lógica*, ele fala de química, física, matemática... Caramba! É a expressão de uma filosofia que se construiu ainda como sistema, né? Nós perdemos muito desse tipo de coisa. Por exemplo, eu sou um zero à esquerda na matemática, né? Pelo menos eu sou um zero, que não é pouca coisa, né? -, bom, mas nesses textos, Hegel faz uma crítica aos procedimentos pedagógicos que são as questões da técnica na educação. Ele fala, olha, isso aí é algo pernicioso para a educação, porque calcifica as pessoas e é algo que ele abomina. Vocês podem conferir isso naquele texto dele reunido, que se chama *Propedéutica Filosófica*, ele fala sobre isso, ele faz críticas duras aos movimentos pedagógicos da sua época, que insistiam muito em procedimentos técnicos, e ele vai inserir na perspectiva de que a educação se dá através de uma relação. A relação entre o professor e o aluno não é uma relação imediata, é uma relação mediatizada, através de um certo conteúdo, através de uma certa forma, e há ali uma relação que é profunda e intensamente dialética entre o professor e o aluno, e quando você me pergunta, por exemplo, como é que eu vejo as instituições hoje, eu entendo que, por mais que elas queiram, por exemplo - se é que fazem isso em algum momento, doutrinar o pensamento de alguém, elas não conseguem controlar absolutamente tudo aquilo que elas provocam nas pessoas.

Por exemplo, Kant insistia que não é possível ensinar alguém a filosofar, o que você pode fazer no máximo é ensinar História da Filosofia, por quê? Porque quando você apresenta algo para alguém, nunca se sabe o que é que o outro está pensando, para onde é que o outro está sendo levado, e aí é um problema. Se você ministra a mesma coisa para pessoas diferentes, vai querer cobrar o mesmo resultado? Essa uniformização, por um lado, você pode dizer que em algumas áreas elas são extremamente importantes, na área da medicina, por exemplo, “como se faz para operar o apêndice?” Eu não conheço nada disso, mas eu vou dizer, “bom, tenho que ali abrir onde está a região do apêndice”. outro vai falar

assim, “não, tem que começar pela testa”, “tá louco?” Tem que padronizar, senão ocorre a morte do paciente, a não ser que o cara esteja apresentando uma técnica nova que ninguém ainda considerou, o que também é possível. Ou seja, você fica tentando achar o que é o mais adequado nessa situação, você vai uniformizar tudo ou vai liberar geral? Alguns conteúdos, é importante que você saiba.

Lembro-me que durante a ditadura tinha um professor - ele já faleceu, eu tive aula com ele -, chamava-se Roberto Romano. ele foi professor na Unicamp. Eu acho que numa época ele trabalhou na Unesp de Araraquara, em pleno regime militar, e ele foi dar uma aula sobre Santo Agostinho. Os alunos ficaram loucos. “Santo Agostinho? Em plena ditadura militar, você tem que falar sobre Marx”, e ele respondia: “vocês têm todo o direito e a obrigação de conhecer Santo Agostinho, tá?” Quando vocês conhecem o Agostinho, vocês vão perceber que o Agostinho vai dizer num dado momento, que é importantíssimo que as pessoas mantenham a esperança, mas a esperança é nutrida por duas primas, uma delas é a indignação e a outra é a resistência. Na medida em que você cultiva esse parentesco, a esperança faz todo sentido. Indignar-se, sentir-se diminuído em relação a outros que são diminuídos, pode até ser o capeta, que eu sei que não existe, mas poderia até ser essa figura aí, sendo execrada em praça pública. Por exemplo, eu seria contra que trucidassem em praça pública o inominável que desgovernou o Brasil um tempo atrás. Eu sou favorável a que ele seja julgado, que tenha pleno direito de defesa, e que seja comprovada a culpa e que ele seja responsabilizado. Só desse modo você consegue ter esperança, que talvez vai se traduzir naquilo que o Paulo Freire vai pensar depois, que na verdade é um tal de esperançar: é um verbo, é uma atividade, não é ficar aguardando as coisas. Então, as instituições, por mais que elas queiram controlar, elas não conseguem coibir todas as reações.

E é por isso que aí aparece Hegel com sua inversão: quando você faz História da Filosofia, você exige que a pessoa filosofe. Não é possível que a pessoa aprenda a História da Filosofia sem filosofar concomitantemente. Em exemplo, me dizia um colega do Iraque, que eu conheci na Alemanha, quando perguntei a ele como é o estudo da filosofia: “só temos história da filosofia”, respondi “já é alguma coisa, e vocês saem inertes?”. Ele disse, “bom, inertes não, porque aquilo fica na nossa cabeça, então a gente começa a ter ideias”, que é exatamente isso que Platão queria, que nós tivéssemos ideias, veja, as instituições, por piores que elas sejam, elas acabam tendo brechas, são movimentos contraditórios.

Vejo, grosso modo, o ensino público superior no Brasil predominantemente está comprometido com uma perspectiva crítica. Há uma tradição quase que milenar das

universidades públicas que desenvolvem um ensino que é crítico, que não é ingênuo, e por causa disso não é muito fácil ir na direção contrária. Tentar implantar, por exemplo, qualquer tipo de conservadorismo, não será possível, porque isso foi desenvolvido durante muito tempo. É claro que também reconheço que é um processo contraditório, a gente está na Universidade Pública, somos estrangulados o tempo todo pelos administradores públicos que tentam morder os nossos orçamentos, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo, eles sabem que isso já se implantou na vida social, logo não pode ser simplesmente escamoteado, por mais que se faça propaganda e digam “ali só tem um bando de maconheiros, esse pessoal só fica puxando fumo, consumindo droga, é um pessoal que não tem respeito pela vida”. Isso é uma propaganda conservadora que, por exemplo, aparece através de um site ultraconservador, que é o “Brasil para Lerdos”. Então, eu ainda vejo com bons olhos, porque, por exemplo, a USP, durante o regime militar os alunos exigiram que eles tivessem um estudo estrutural dos textos, ou seja, sem ficar fazendo muita ponte com a ordem social do momento. E isso aconteceu. A USP, Curso de Filosofia, não sofreu nenhum tipo de represália, mas se você estuda atentamente o pensamento platônico, aristotélico, agostiniano, Descartes, você por acaso sai incólume? De jeito nenhum. Essas pessoas eram profundamente perturbadas com aquilo que acontecia na sua época, e o que é fundamental: é que isso dá ideia, não tem nada mais perigoso do que isso. Você não consegue controlar o que as pessoas... Quem ilustra bem isso é uma cena do filme de *1984*, a cena final, onde o personagem, absolutamente condicionado e numa mesa empoeirada de xadrez à sua frente, escreve 2 mais 2 igual, ele põe uma interrogação, expressando, por mais que se queira controlar, esse controle nunca é absoluto.

Revista de Ciências do Estado: Professor, desde os primórdios da humanidade a técnica participou da construção e modificação da realidade na figura de um instrumento. Apesar disso, a ideia de Cosmotécnica⁹ é partidária de um processo que liga as tendências gerais tecnológicas a aspectos culturais, trazendo um coeficiente culturalista aos mecanismos tecnológicos. Sendo assim, apesar de não serem notados, artefatos como a Inteligência Artificial carregam em si princípios culturais próprios e, portanto, só podem ter sua atribuição plena de sentidos quando entendidos como esse produto cultural. Contra o Estado Ético, a cultura neoliberal transformou essa técnica em um fim em si mesmo, apavorando o

⁹ HUI, Yuk. *The Question Concerning Technology in China: an essay in Cosmotechnics*. Falmouth: Urbanomic, 2016.

mundo ao antropomorfizar o que antes não passava de um instrumento inconsciente e impotente. Diante disso, a técnica deve ser temida? Podemos esperar uma revanche do Leviatã¹⁰?

Professor Doutor Pedro Novelli: A questão da técnica, se você me permite, ela pode ser vista na Antiguidade grega, até antes do momento da filosofia. Eu me reportaria, por exemplo, ao período da tragédia grega. A tragédia do Édipo Rei é uma boa expressão disso. O pai dele, o Laio, antes do Édipo nascer, passou por um reino distante e foi recebido com honras e o rei falou: “olha, tudo que é meu aqui é seu”. Laio exagerou, ele se aproveitou do filho do rei. O Rei ficou louco por causa disso, mas disse, “não vou fazer nada com você, não vou tocar a mão em você, você vai embora, vai para sua casa, mas uma coisa eu te digo, você vai ter um filho e ele vai acabar com a sua vida”. Laio vai embora com essa coisa na cabeça. Quando ele chega na casa dele, ele conta para a mulher dele, a Jocasta, o que foi que aconteceu e o que foi que o outro rei falou para ele. A Jocasta encarna a figura da técnica, e começa a dizer, “não, isso é besteira, isso não vai acontecer, isso é mera superstição, sobre isso não há nenhum tipo de controle, pode-se afirmar tudo e nada, mas tudo e nada não vale e não significa coisa alguma”. Porque ela traduz a compreensão de que, só pela técnica, aquilo que é colocado sobre o domínio pode ter, de fato, algum significado, alguma utilidade, alguma consequência, que seria algo sobre o qual nós teríamos controle.

A técnica é, num primeiro momento, uma expansão, como o próprio Hegel vai dizer, através da ferramenta. A ferramenta não é senão uma expressão de um pensamento cultural que se materializa em algum instrumento, e esse instrumento permite avançar limites em relação àquilo que a gente faria com as nossas mãos. Por quê? Porque a ferramenta expande o alcance das nossas mãos. A técnica, num certo momento, expande o nosso contato e a nossa ação sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o ambiente onde nós nos encontramos. Esse aspecto é extremamente importante. No entanto, fomos percebendo, por exemplo, com pensadores como Hans Jonas, por exemplo, que vai desenvolver esse princípio da precaução, chamando a atenção para o fato de que a gente não tem, de fato, o controle sobre aquilo que a gente está fazendo, e de fato é assim, porque por mais que a gente procure fazer com que algo caia sobre o nosso domínio, existe uma série de interferências

¹⁰ REZENDE HENRIQUES, Hugo; BRAGA DE CARVALHO, João Pedro (2021). A Revanche do Leviatã: Estados rebeldes como desafio à ideia única. *Princípios*, v. 40, n. 162, p. 233–264, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2021.162.011>. Acesso em: 28 jun. 2025.

exteriores a nós, que nem sempre são previsíveis. E uma vez acontecendo uma tragédia ou um desastre, diz o Hans Jonas, para nos recuperarmos disso, não é uma questão de segundos, é questão de anos, às vezes séculos. É como sofrer uma fratura, você tem uma fratura em questão de segundos, agora para se recuperar, vai muito tempo em relação a esse tipo de coisa. Eu junto isso a uma ideia muito interessante também apresentada por Heidegger, na sua *Carta sobre o Humanismo*, onde ele diz, por exemplo, que nós perdemos o verdadeiro medo, porque deram-nos o medo da coisa quebrada. Então, alguém bate o carro, a primeira pergunta que as pessoas às vezes fazem de uma forma equivocada é, “estragou muito?”. “Quem, eu ou o carro?”. “Claro que o carro!”. Está errado: não é nada fácil se controlar para dizer assim, “você está bem?” “Eu estou”. É porque não é fácil ter outro de você, você é único, mas o carro, a gente vai fazer alguma coisa, ver se consegue consertar, talvez ver se compra um outro, não é coisa fácil também. Mas para dizer: a técnica nos propiciou uma série de bens, uma série de conforto, mas é uma faca de dois gumes.

Creio que todos vocês, como eu, desgraçadamente, tenhamos celulares. A Organização Mundial da Saúde já determinou que o nosso apego ao celular é uma doença. Caracterizada pelo seguinte, você desliga o celular quando você vai dormir, fica 24 horas por dia ligado. Mas o que que você tem que saber durante 24 horas por dia? Por exemplo, eu tenho que dizer, quando eu estou trabalhando, eu preciso me concentrar em alguma coisa, o celular está do lado e eu sou tentado o tempo todo a olhar pra ele pra ver se não vem uma mensagem de WhatsApp ou alguma coisa que eu tenho que responder imediatamente. Antigamente era mais fácil, porque aquele telefone ficava não perto de nós e só iam usar quando fosse tocado.

Não era todo mundo que ficava ligando o tempo todo. As pessoas estavam fazendo outras coisas. O telefone era muito particular em certos momentos. Hoje não, você está ligado o tempo todo. Então, a gente diz sobre um sistema de exaustão, absoluto esgotamento. Byung- Chul Han escreve a *Sociedade do Cansaço*, por exemplo. Ele teria muito mais a dizer e diz do que eu poderia dizer, mas mostra, por exemplo, que a gente fica plugado o tempo todo. Isso é sinônimo de exaustão. Isso, obviamente, interfere sobre aquilo que a gente faz o tempo todo e como a gente poderia fazer. A gente não consegue relaxar, literalmente. E, aliás, até o próprio celular se transforma como possibilidade de lazer para você relaxar. Não, você continua ainda sendo sobre carregado por aquele tipo de situação, é um bombardeio constante.

Há uma imagem muito interessante de um texto que foi escrito por uma professora muito tempo atrás, da USP, chamada Olgária Matos, que está numa coletânea de textos chamados *Sentidos da Paixão*. São vários profissionais de diferentes áreas, filósofos, psicólogos, psiquiatras, psicanalistas, sociólogos, escrevendo sobre, e ela usa uma figura muito interessante que é a figura do Ulisses, navegando com seus colegas, e eles vão passar por uma região onde tem sereias, elas têm um canto arrebatador. Ulisses diz para eles: “vocês me amarrem aqui no mastro, e por mais que eu grite e implore, não me deixem sair daqui, não me soltem, enquanto vocês continuam conduzindo o barco, tampem os seus ouvidos com cera, vocês não vão ouvir o canto das sereias, então vocês vão conseguir ficar conduzindo o barco e não vão morrer afogados, porque a sereia não levará vocês para o fundo”. Ela explora isso mostrando, por exemplo, que o Ulisses encarna a figura do empresário que se sacrifica pelo bem dos operários: “vocês não sabem como eu sofro amarrado nesse mastro aqui, conduzindo essa empresa. Vocês não sabem do que eu estou poupanado vocês.” No Brasil, não temos uma coisa que presidentes americanos no passado haviam determinado que acontecesse, que empresas norte-americanas tivessem pelo menos 20% no seu quadro diretor presença de trabalhadores, porque eles estão em uma determinada posição que permite conhecer aos diretores aquilo que eles não conhecem, por exemplo, no chão da fábrica, mostrando, que ali também a técnica está sob ação, sobre as pessoas, mas ela pode estar esmagando as pessoas. Outra vez, me parece que o paradigma é esse.

É muito difícil hoje conseguir fazer o que Aristóteles queria, que nós sejamos comedidos. Não é nada fácil você viver sem a técnica, mas se você embarcar de vez nela, de todos os jeitos, você está absolutamente perdido. Mas o que fazer? Eu acho que a solução é o que diz o Walter Benjamin, não dá para não ser arrastado pela modernidade. Mas uma coisa eu posso fazer, eu posso ficar com a cabeça para cima e ver para onde é que eu estou sendo arrastado, diferentemente de muitos que ficam de cabeça para baixo, mergulhados, eles não sabem para onde estão sendo levados, eles poucos se importam com o que está sendo feito com eles, não lhes interessa. Esses querem se beneficiar imediatamente de alguma coisa. Serão beneficiados, mas vão pagar um altíssimo preço por causa disso, e normalmente, o preço que se paga em várias formas é a extinção da sua própria existência.

Revista de Ciências do Estado: O fenômeno da estatalidade guarda uma profunda conexão com a ideia de soberania, de tal modo que nos parece impossível falar em Estado sem a ideia de um poder soberano. No entanto, a noção de uma autoridade suprema atuando

em um dado território parece contrastar com uma realidade complexa produzida pela globalização, marcada pela presença de companhias transnacionais, pelas mídias digitais e por um espaço de atuação estatal que nos parece cada vez mais etéreo e desterritorializado. Diante disso, como podemos abordar contemporaneamente o conceito de soberania? A soberania está morta?

Professor Doutor Pedro Novelli: As Big Techs, e a ação delas sobre nós, não é senão a confirmação de algo que elas querem minar e destruir, elas querem minar e destruir a soberania dos Estados para criar sua própria soberania. Então, de uma forma contraditória, elas estão afirmando aquilo que elas querem destruir, elas querem se tornar hegemônicas, elas querem se tornar determinantes dos rumos, os rumos políticos, eu quero dizer, dos rumos que as pessoas organizadas nas cidades, na polis, em sentido largo, estão querendo para si.

Na verdade, isso sempre aconteceu. Hegel, na sua própria época, experimenta isso, por exemplo, como ocorrem interferências dos países vizinhos sobre a Alemanha. Há o Império Austro-Húngaro e a Alemanha é tratada como um peão nessa história, como uma periferia, ela nem tem exército, na verdade os outros países nem sabem o que ela tá fazendo aí, mas ela está aí. “Mas vamos fazer de conta que ela não tá aí, vamos fazer tudo como nós queremos”. Hegel é completamente perturbado com esse tipo de situação, porque ele reconhece que a Alemanha está sendo privada da possibilidade de se autodeterminar, de, portanto, invocar a sua soberania, de invocar a direção do seu próprio destino, isso está sendo sempre solapado pelos países vizinhos e o que lhe disse que é pior: os próprios alemães estão sendo arrastados para isso. Ele escreve um texto em 1800, chama-se a *Constituição da Alemanha*, onde ele diz no começo que nessa época, a Alemanha não era mais um Estado.

É curioso que nesse texto ele mostra como é que surge um Estado, ao fazer um certo exercício, que historicamente parece que tem sentido: os gregos não começaram a discutir ética em um simpósio que eles marcaram para um certo dia, eles não estavam lá vivendo e falam assim, “olha, próxima semana, de 12 a 15, a gente vai se reunir aqui e vamos fazer um colóquio, vamos fazer chamadas de trabalho”, coisa nenhuma, nada disso. Mas então como é que eles chegaram a isso? Por acaso, por um acidente. Mas o que acontecia? Os gregos dividiam o seu tempo em duas atividades, uma delas a preparação para a guerra e a segunda, a realização da guerra, esse era o tempo da Grécia Antiga. Quando eles voltavam da guerra, principalmente se venciam a guerra, traziam os espólios dos povos que eles haviam vencido, tesouros, bens, mulheres, animais, escravos em geral, e então acontecia um exercício muito

interessante, eles começavam a se perguntar quem fica com o quê, por exemplo: “nós conseguimos essas mulheres aqui, quem vai ficar com elas?” Aí um soldado diz “eu”, “mas por que você?” “Ah, porque eu matei 15 soldados inimigos”. Aí aparece um outro e vai dizer, “não senhor, os 15 que você matou eram anões, eu matei três, mas eles eram verdadeiros Golias, maiores do que o Hulk. Então, eu mereço muito mais do que você”. Veja como aqui está se estabelecendo critérios para comportamento. E aí vai dizendo, “olha, quem que é o mais valoroso?” Assim você vai se aproximando cada vez mais de uma determinação de comportamento ético. Qual é o comportamento que se espera, qual o comportamento que é premiado, que é recompensado, que é reconhecido e o comportamento que não é assumido de forma alguma. Foi assim, não é uma situação ilibada, é uma repartição de espólios, certo? Então, acontece por acaso. Depois eles vão compreendendo, isso vai sendo formalizado até, talvez, quando alguém ponha no papel como Aristóteles, que era um excelente observador, porque era só isso que ele podia fazer, porque ele era um estrangeiro e não podia participar.

Então ele observa e indaga, “por que será que os seres humanos se comportam assim?” E vai escrevendo diretivamente sobre isso, vai formalizando.

Hegel, na mesma linha, vai dizer que o Estado muito provavelmente surgiu através da relação entre diferentes famílias. Essas diferentes famílias tinham interesses, e esses interesses das famílias, seria pensar nos interesses das outras famílias? Não, elas pensavam nos próprios interesses. O vice-presidente norte-americano diz “que princípio ético, religioso, cristão”, diz o quê? Primeiro a minha família, depois o resto, e se o resto morrer nesse percurso, problema deles, eu vou cuidar dos meus. Faz muito sentido que seja assim. Eu vou proteger primeiramente. Então essas famílias se juntam e dizem assim, como é que a gente faz para se proteger? Quer dizer, na verdade, como é que nós fazemos para nos protegermos? Estrategicamente, conversa com outra família que também é poderosa, tem forças. Será que não dá para criarmos uma relação entre nós, de modo que a gente crie uma instância superior a nós que nos proteja?

Então começa com uma coisa, mas aí a coisa historicamente vai se desenvolvendo a ponto de que diferentes famílias vão sendo incluídas nesse processo e famílias não tão poderosas quanto essas. Então você vai tendo um Estado, para Hegel, que vai surgindo através desse tipo de procedimento, que é histórico. Os seres humanos vão se determinando através de inúmeras interferências. É interessante você reconhecer, por exemplo, que o período que Hegel está vivendo é um período que ainda é marcado pelo feudalismo. Você não tem um Estado plenamente estabelecido, como ele diz, a Alemanha ainda não é um

Estado. Então o que é? Se tem feudos e você tem aquilo que se chama na Alemanha *das Haus*, a casa, a grande casa, a grande casa que pertence ao senhor feudal, esse senhor feudal é aquele que tem à sua disposição muitos que trabalham para ele, que o servem, através dos quais ele desfruta o que eles fazem para ele, e eles, em troca, recebem, por exemplo, proteção, aí eles moram perto do castelo, é esse tipo de coisa. Os feudos são assim, tem as terras do senhor para trabalhar, eles vão ter acesso a uma porcentagem dos frutos da terra. Mas aí tem uma coisa curiosa: as relações interpessoais dos vassalos, por exemplo, ou dos servos, é determinada pelo senhor feudal, que diz para eles: “aqui sua casa, quem eu quero, com quem eu quero”. O amor romântico não tem espaço, Hegel vai dizer. Isso só vai acontecer quando se formar uma pequena família, com o surgimento do Estado moderno. O senhor feudal determina quem e com quem. Então, por quê? Porque na cabeça do senhor feudal você tem reprodução para a produção, ele não pode permitir que qualquer um se reproduza, senão vai prejudicar a produção.

O Estado é o resultado dessa autodeterminação dos seres humanos, isso Hegel sabe, isso não acontece a toque de caixa e não acontece por vias ilibadas. Ainda hoje é assim. Hegel reconhece, na época dele – ele é um monarquista que defende um sistema bicameral, não acreditava na democracia – que o monarca era um cara que no máximo colocava o pingo nos is, não mais que isso. Quando tudo estava pronto, ele assinava as coisas. Ele diz que há de ter representação. Mas há representação? Ele falava sim e não, porque é o mecanismo que você tem no momento para lidar com um monte de gente. Não dá para fazer diferente disso, não dá para ter uma participação direta. Mas também não pode simplesmente achar que essas pessoas estão lá de uma forma desinteressada, ele diz que isso não existe. Se alguém falar para você, “não, o meu interesse é universal”, não acredite, isso não é verdade. Por quê? Porque ele vem de um momento de particularidade, tanto que ele reconhece isso e coloca isso muito claramente. Você vai ter classes representativas que venham, por exemplo, da agricultura. Você vai ter um representante da indústria, está presente nas duas instâncias também, e você também vai ter um setor que ele vai chamar aqui do serviço público, que aparentemente, talvez tenha um pouco mais de isenção, mais ou menos. O termo servidor público é um termo muito caro para Hegel, porque significa, pela própria terminologia, que é aquele que é destinado ao serviço do público. Portanto, ele não faz qualquer coisa. Ele não pode ser mal remunerado, e portanto, o crime de desvirtuamento da sua função tem que ser corrigido veementemente. Não pode passar em branco. Por quê? Porque o Estado está sendo traído naquilo que é a sua maior e melhor representação, que é a figura daquele que atua com

o público. Bom, a soberania do Estado, ela é possível e ela é necessária, porque ela tem a ver com a identidade de um povo. Um povo se reconhece a partir das instituições que ele cria para si.

Algum tempo atrás, não saiu publicado ainda, eu escrevi um texto com a seguinte compreensão: o que é o Estado em Hegel? O Estado em Hegel é revolução. Dizer que o Estado é revolução para Hegel se explica por que Hegel tem a experiência de algumas revoluções durante a sua vida, a começar pela revolução protestante, depois pela Revolução Francesa e pelas inúmeras revoltas e pequenas revoluções que ele vai reconhecendo ao longo da sua vida em países vizinhos e tentativas de manifestação dentro da própria Alemanha. Por ser compreendido como revolução, o que significa isso? Que o Estado é uma instituição fundamentalmente dinâmica, ela não é qualquer revolução, também não é *a* revolução, porque Hegel diz que tudo não termina exatamente com o Estado, tudo vai terminar com a história mundial, ou seja, pode ser e é bem possível que nós criemos para nós uma autodeterminação muito maior e muito melhor. Uma delas que se fala por aí, é obra de ficção, a Confederação dos Planetas da série da TV, *Star Trek*, nós chegamos até a ONU no momento, mas a ONU também já se tornou quase que um apêndice, parece que não funciona, e também é interessante porque ela está sediada em um lugar perigosíssimo, está no meio do covil dos leões. Mas veja, não se estabelece essa soberania e a gente tem demonstração muito clara e dolorida do que acontece na faixa de Gaza: são 2 milhões de pessoas resistindo bravamente, de uma forma descomunal, quase que inconcebível como é que eles conseguem. Nós comemoramos agora 50 anos da vitória do Vietnã, não pode ser esquecida, derrotou três impérios, primeiro os japoneses, depois os franceses, depois os americanos, pôs todos para correr, e constituiu um país extremamente igual. Claro que tem problemas, mas tem uma certa convicção que está calcada numa identidade popular, naquilo que vai chamar o espírito de um povo.

Quando se fala de espírito em Hegel, você deve saber que ele não está falando de alma penada. Ele está falando da cultura, da atividade histórica desse povo. E isso é o espírito de um povo. E é interessante, porque na *Encyclopédie* ele faz uma distinção entre *vulgar* e *populus*. O *vulgar* não se reconhece, porque não se organiza. O *populus* traduz já uma organização, um reconhecimento de si, de que tem uma identidade, uma identidade cultural que se dá através dos seus costumes. Hegel reconhece isso, da sua língua, da sua religião, por exemplo, daquilo que ele cultiva e cultiva para si mesmo. Com o qual ele se identifica e no qual ele se vê. Essa soberania é extremamente importante no sentido de que o povo

precisa saber-se enquanto tal, mas você tem razão em pensar que a soberania pode ser extremamente perigosa se ela significar um fechamento. Então, o isolamento de um grupo, que outra vez é o de estabelecimento de relações, não é senão provocar nesse mesmo povo o seu processo de exaustão, de exaurir-se, de caminhar para o seu desaparecimento. Por quê? Porque ele não consegue lidar com a alteridade que, aliás, está presente nele também. O Estado é uma comunidade de diferentes. É uma comunidade plural.

Por isso que, para Hegel, é absolutamente genial que a gente tenha pensado e conseguido estabelecer isso. Não é nada tranquilo, porque como eu falava antes, ela não é ditada pelo afeto, não pode. As pessoas que estão ali, não é porque elas se amam, porque gostam de si, não é porque elas se odeiam, mas nem o ódio, nem o afeto podem dar pitaco aí dentro. Você pode começar a gostar das pessoas, isso talvez até ajude o convívio, mas isso não pode ser determinante, e também não pode ser determinante que você está ali porque você é útil. Por isso que Hegel diz que o Estado é constituído por pessoas. Pessoas são aquelas que se auto-determinam. Se dentro do Estado começarem a aparecer pessoas que não têm mais a possibilidade de se autodeterminar, como são, por exemplo, os pobres, que são aqueles que nem a si mesmos têm, o Estado desapareceu, porque ele se confundiu com aquilo que se chama sociedade civil-burguesa, aí ele não é mais Estado.

Revista de Ciências do Estado: A ideia de Estado é polissêmica e, muitas vezes, imprecisa. Ao longo de sua história, pensadores dos mais diferentes vieses debruçaram-se sobre o fenômeno da estatalidade, buscando apresentar o seu fundamento. De modo geral, esses esforços de fundamentação sempre foram dinâmicos, assumindo feições diferentes conforme cada contexto histórico. Em sua visão, de que tipo de reformulação essa tradição de Filosofia do Estado precisa para fazer frente aos desafios de nossa atual quadra histórica? De que tipo de justificação filosófica o Estado no tempo presente necessita?

Professor Doutor Pedro Novelli: Eu posso responder, em primeira mão, com o texto que eu mencionei, que eu escrevi, mas que não saiu publicado ainda, eu poderia responder a sua pergunta através da leitura de uma pequena parte desse texto?

Revista de Ciências do Estado: Pode sim. Seria maravilhoso, professor.

Professor Doutor Pedro Novelli: Então, eu vou só colocar aqui para vocês o que é a introdução. Eu vou ler para vocês:

A dificuldade de ver bem as coisas, a realidade vem do fato de que estamos por demais perto, envolvidos e imersos onde e como nos encontramos. Faz-se necessário um certo afastamento e ou distanciamento para ver melhor e mais nitidamente tanto o que ainda não vemos bem como a nós mesmos. É isso o que o olhar filosófico pode proporcionar sem jamais se afastar em demasia o que também dificulta o ver. Precisa-se ter uma distância razoável, a distância da razão que permite transformar o ver em olhar ou o ver atentamente. No entanto, isso não significa que em tal procedimento seja abandonado nem posto de lado o que se quer ver melhor porque não há um fora da realidade que representa um momento ou espaço de quietude. É precisamente no torvelinho da existência que o olhar atento se dá. Essa é a compreensão que aqui se tem e se busca apresentar do pensamento de G.W.F. Hegel (1770-1831), filósofo alemão que afirmou e realizou a possibilidade de pensar tudo e o todo. Hegel não dita com sua visão filosófica o que se deve olhar ou não, mas que tudo pode ser visto e olhado. Ele apresenta de forma enfática como se poderia ver e olhar o que quer que seja, isto é, especulativamente. Pode-se traduzir isso pela apreensão, pelo agarrar a história no pensamento. Cabe, portanto, levar seriamente em consideração o que aí está e expor seu movimento formador e ou suas razões de ser para vir-a-ser.

A partir dessas considerações o objetivo da presente reflexão é procurar responder a indagação sobre o que é o Estado. O Estado é tomado aqui em sua compreensão mais imediata, ou seja, como organização política maior com todas as suas virtudes e vícios. Em outras palavras, o Estado é assumido historicamente como realização humana que sabe o que faz, pelo menos imediatamente, e que quer o que faz. Nesse sentido o Estado não é algo estranho aos seres humanos, mesmo que ao longo dos tempos tenha se tornado quase irreconhecível. O Estado tornou-se algo no qual os seres humanos não se veem mais e olham com certo estranhamento e até desconfiança porque aparece como algo outro e apartado dos próprios seres humanos.

Para responder a indagação acima mencionada recorre-se ao texto hegeliano “Linhos fundamentais da Filosofia do direito ou Direito natural e Ciência do Estado em Compêndio” publicado por Hegel em 1821. Trata-se de um escrito que passou pela censura do Estado de sua época na Alemanha porque se entendia todo texto acadêmico como potencialmente instigador de agitação!

A “Filosofia do Direito” de Hegel não é algo que se lê como um manual pronto do começo ao fim. O título também comporta a questão do direito natural e da ciência sobre o Estado. Hegel enfatiza que se trata de um esboço o que indica ser caráter inacabado. Deve-se considerar que se trata de um texto datado do final do século XIX e com estilo próprio. O texto exige a compreensão do contexto no qual ele foi escrito, assim como o conhecimento do estilo do autor.

O objetivo de Hegel é traduzir conceitualmente temas como a liberdade, o direito, o Estado, a cidadania que ele já reconhece estabelecidas no cotidiano das pessoas, mas que estão envoltas numa compreensão especulativa. Hegel não introduz novidades, mas se empenha em demonstrar como o que já está em curso pode ser compreendido filosoficamente. Enfim, Hegel busca expor como o que se instituiu historicamente já se pensou.

A “Filosofia do Direito” é uma análise lógica do conceito e da ideia do direito em relação com o que se já desenvolveu historicamente, ou seja, o Estado e a pessoa. Além disso, Hegel se esmera em demonstrar como o direito é pensado e praticado com base no que se tem pensado sobre ele. Assim, não é suficiente descrever o direito empiricamente nem historicamente, mas se faz necessário que se compreenda o mesmo filosoficamente ou que se explique as razões de sua razão de ser. A dificuldade do texto de Hegel reside em sua linguagem lógica e reflexiva que não condiz simplesmente com o contar de uma história ou de fatos.

A “Filosofia do Direito” é uma ampliação do que já foi apresentado no texto da “Enciclopédia”. A ampliação ainda é enigmática pela própria comparação que Hegel faz com o tecido de Penélope, ou seja, que a filosofia é sempre um fazer e refazer. Isso se equipara a afirmação de Wittgenstein que na filosofia vence quem chega por último ao fim. Com isso se quer dizer que a filosofia demanda tempo de maturação para sua execução.

A partir do texto de Hegel é que o Estado pode e deve ser compreendido como revolução e esta como o que transtorna e transforma a existência humana.

Então, afinal, o que é o Estado? O Estado é revolução. Não é uma revolução nem a revolução, mas revolução. Não é uma revolução porque não se trata de algo pontual, momentâneo ou passageiro no meio de muitas outras formas de revolução ou uma revolução a mais no conjunto das revoluções. Não é também a revolução porque não é o esgotamento da revolução em si, pois a história não se encerra com o Estado como o próprio Hegel indica em sua “Filosofia do Direito” que aponta após a consideração sobre o Estado a figura da

história universal. É nesse momento que tudo pode sempre se resumir e talvez se realizar definitivamente. No entanto, a história ainda não chegou ao fim e nesse contexto o Estado aparece como revolução, ou seja, como algo permanente, constante e instigante. O Estado é revolução porque é a afirmação da universalidade que engloba toda particularidade sem a suprimir. O Estado é a afirmação histórica da organização humana numa forma de comunidade que reúne as diferenças sob a égide da igualdade. Trata-se muito mais de um empenho, de um esforço, da consciência, do que se quer e muito mais interessados pelo comum do que comumente pelo interesse particular. Por isso, o Estado é uma realidade histórica dinâmica que necessita se convencer permanentemente dessa sua essência. Se o Estado falha em realizar sua essência e passa a se confundir com algo outro que não ele mesmo como com a sociedade civil burguesa ele já não é mais o que é. Pode ser qualquer outra coisa, mas não mais Estado. Como tal não pertence senão a todos o que o constituem o que exige a inclusão e jamais a exclusão. A diminuição de camadas humanas do Estado é a concomitante diminuição do Estado. A convulsão intermitente marca o Estado em sua existência porque ao mesmo tempo que protege seus membros fica de olho nos mesmos protegendo-os de si mesmos. Movimentos internos e externos de contrários fazem parte do cotidiano do Estado porque ele se encontra na história e esta não é mera repetição, mas desafio perene que sempre põe a outra possibilidade. Daí, o Estado precisa responder para si “por que não?” e “por que sim?” em relação a si. Seus membros estão sempre vindo-a-ser e acolhê-los é tarefa sem descanso, pois se trata de integrá-los à vida ética sem que sejam desconsiderados em suas originais indagações e questionamentos. Aliás, o Estado se torna sempre mais Estado através de todo movimento que se apresenta como uma melhoria e avanço em relação a ele. Nesse sentido sua forma e conteúdo são dinâmicos e podem não somente ser revistos, mas também modificados. O Estado é defesa institucionalizada do melhor até prova em contrário. Sempre pode ser substituído. Sempre pode ser suprassumido. Sempre pode ser ultrapassado. Mas, sua substituição, sua suprassunção, seu ultrapassamento seria melhor do que ele? Seria desejável que sim, pois isso faz parte da própria compreensão do Estado que é um nós e não um eu. Na medida em que o Estado se promove em cada um de seus membros ele promove a si mesmo e, membros melhores implica em Estado melhor. Não se pode jamais confundir o Estado que se tem ou como aparece e é com o esgotamento do que pode ser. Isso significa que sempre haverá um Estado? Claro que não, mas sim Estado ou a melhor forma de organização comunal e universal que se teve historicamente até o momento. O Estado enquanto estado, situação e o que fica de pé conforme sua etimologia

latina tem sido a determinação política humana que expressa o que se pensa, se faz e se deseja de melhor e sua manifestação particularizada no mundo indica isso. O que quer que possa ir além do Estado ainda não se apresentou na história, mas desde os tempos primevos sempre representou o empenho para uma existência humana em comum. Como já dito não escapou de desvirtuamentos, mas sobreviveu a si mesmo como sobrevivência humana de muitos para todos. Nas palavras de Hegel o Estado é “a marcha de Deus na terra” ou o extraordinário conviver buscado pelos seres humanos em massa.

Referências Bibliográficas:

- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. Trad. Maria Rodrigues e Han Harden. Brasília: Editora UNB, 2008.
- HORTA, José Luiz Borges. Entre o Hegel racional e o Hegel real. In: BAVARESCO, Agemir; MORAES, Alfredo (orgs). *Paixão e Astúcia da Razão*; em memória e gratidão a Paulo Meneses, Maria do Carmo Tavares de Miranda e Geraldo Edson Ferreira da Silva. Porto Alegre: Editora Fi, 2013.
- HUI, Yuk. The Question Concerning *Technology in China*: an essay in Cosmotechnics. Falmouth: Urbanomic, 2016.
- NOVELLI, Pedro Geraldo Aparecido. A universalidade da educação em Hegel. *Revista Dialectus*, v. 1, n. 1, p. 179– 191, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/21939>. Acesso em: 28 jun. 2025.
- NOVELLI, Pedro Geraldo Aparecido. *O idealismo hegeliano e o materialismo marxiano: aproximações e distanciamentos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.
- SALGADO, Joaquim Carlos. *Sacra Scientia*; a Metafísica; Poder e Liberdade do Pensamento. São Paulo: D'Plácido, 2022.
- REZENDE HENRIQUES, Hugo; BRAGA DE CARVALHO, João Pedro (2021). A Revanche do Leviatã: Estados rebeldes como desafio à ideia única. *Princípios*, v. 40, n. 162, p. 233–264, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2021.162.011>. Acesso em: 28 jun. 2025.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Raul M. Rosado e M. Gabriela P. Granwehr. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

Como citar esta entrevista: NOVELLI, Pedro Geraldo Aparecido. Estado é revolução. Entrevistadores: FONSECA, Theo Augusto Apolinário Moreira; RODRIGUES, Lucas Antônio Nogueira; SANTOS, Bruno de Oliveira; MIRANDA, Matheus Amaral Pereira de. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 1–32, 2025.

Realizada em 09.05.2025

Publicada em 01.07.2025